

Angelina Jolie
mentiu para ter
papel de Callas



PÁGINA 3

Plágio: Justiça
mantém decisão
a favor de Geraes



PÁGINA 6

Peça fará sessão
especial para
moradores de rua



PÁGINA 7

2º CADERNO

Divulgação



Indicado à Concha de Ouro, 'Conclave' põe Ralph Fiennes em destaque na Oscar Season, a temporada de premiações que antecede o Oscar

O Céu por testemunha

Sucesso de bilheteria, 'Conclave' desponta como aposta quente para o Oscar 2025, depois de ganhar o Globo de Ouro de roteiro, sob as bênção de um Ralph Fiennes em estado de graça

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Com 50 prêmios no currículo, entre eles o Globo de Ouro de Melhor Roteiro, "Conclave" é um dos títulos esperados do anúncio dos concorrentes ao Oscar 2025, a ser feito no próximo dia 23. Seu lançamento aqui será na mesma data. Seja pela ambientação vinculada a signos do cristianis-

mo, seja por seu clima de mistério, o thriller - que fechou o menu de estreias do Festival do Rio de 2024, em outubro - evoca "O Nome da Rosa" (1986).

O cult de Jean-Jacques Annaud, baseado em Umberto Eco (1932-2016), não fez parte do rol de referências explícitas usadas pelo diretor austro-suíço Edward Berger na concepção de sua narrativa sobre bastidores da sucessão papal. Seu enredo se ambienta num Vaticano acossado por ameaças terroristas.

É difícil, apesar disso, não lembrarmos de um Sean Connery (1930-2020) de batina, investigando crimes no seio da Igreja. Essa evocação histórica é despertada por Berger com a batalha moral empreendida por um cardeal ungido pelo óleo da retidão (Ralph Fiennes, devastador) a fim de escolher o novo sumo pontífice em meio a um embate de egos. **Continua na página seguinte**

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Adriana Quadros celebra a obra imortal de Tom Jobim

Adriana Quadros canta Tom nesta quarta no Blue Note Rio

Estreia nesta quarta (15), às 20h, no Blue Note Rio o show “As Cores do Tom”, um tributo aos 30 anos de saudade do maestro Tom Jobim com a atriz e cantora Adriana Quadros.

Ela é acompanhada de quinteto formado pelos músicos João Cantiber (violão e arranjos), Cyd Alvarez (piano), Dôdo Ferreira (contrabaixo),

Roberto Bahal (saxofone) e Luizinho Sobral (bateria).

No repertório, releituras de clássicos jobinianos como “Corcovado”, “Chega de Saudade”, “Garota de Ipanema”, “Eu Sei Que Vou Te Amar”, “Dindi”, “Desafinado”, “Wave”, “Chovendo na Roseira” e “Samba de Uma Nota Só”, entre outros tesouros do nosso Maestro Soberano.

Vale Tudo

Está confirmado: Bella Campos e Kauã Reymond darão vida ao casal de golpistas Maria de Fátima e Cesar no remake de “vale Tudo”, a grande aposta da teledramaturgia da Globo no ano em que a emissora completa 60 anos.

Assédio em pauta

Acusações de assédio sexual contra Neil Gaiman se tornaram públicas com o lançamento do podcast “Master”, em julho passado, e nesta semana a revista Vulture publicou reportagem com relatos de mulheres que se dizem vítimas do escritor.

Vale Tudo II

Exibida originalmente entre 1988 e 1989, a trama escrita por Gilberto Braga, Aguiinaldo Silva e Leonor Bassoli marcou época com personagens complexos, vilãs impiedosas e um enredo que abordava temas polêmicos do Brasil daquela década.

Novo processo

Diddy segue acumulando acusações de abuso sexual. De acordo com o portal TMZ, o rapper está sendo processado por uma mulher. Com o nome protegido por sigilo judicial, a acusadora alega ter sido abusada aos 16 anos de idade.



Edward Berger orienta o astro Ralph Fiennes no set de filmagens de ‘Conclave’

‘Me pautei pelo cinema político americano dos anos 1970’

O contexto eleitoral de uma escolha papal que poderia, no máximo, render um drama sobre disputas de vaidades vira um eletrizante suspense sobre jogos de poder, delineado com adrenalina pelas mãos do realizador de “Nada De Novo No Front”, título ganhador do Oscar de Melhor Filme Internacional de 2023 (hoje na Netflix).

“Eu me pautei pelo cinema político americano dos anos 1970, principalmente na obra de Alan J. Pakula (diretor de “Todos os Homens do Presidente”), cuja linguagem jamais seguia uma gramática de plano x contraplano e, sim, apostava em longas tomadas

de câmera que só mudavam o foco quando a premissa pedia”, disse Berger ao Correio da Manhã no Festival de San Sebastián, na Espanha, onde seu suspense ecumênico disputou a Concha de Ouro.

Com base em romance homônimo de Robert Harris, “Conclave” expõe o avanço de uma direita xenófoba, sexista e homofóbica rondando a passagem de bastão no seio eclesiástico dos arredores de Roma, após a morte do Papa. Uma escolha errada para ocupar o lugar de Sua Santidade pode resultar num retrocesso capaz de dar fim a todos os avanços que a religião católica esboçou (ou tentou esboçar) na luta para expiar seus pecados. Em meio à troca de

estadista, uma estratégia digna de uma partida de “War” (famoso jogo de tabuleiro) se estabelece conforme o sacerdote Thomas Lawrence (papel de Fiennes) assume a tarefa de conduzir os votos de seus colegas. Tem muito sacerdote querendo essa vaga, como a raposa velha Tremblay (John Lithgow), o moderado Bellini (Stanley Tucci, sempre afiado), o ascendente Adeyemi (Lucian Msamati) e o mais perigoso de todos, o fascista Tedesco (Sergio Castellitto, em avassaladora atuação). Em meio a eles, uma freira (Isabella Rossellini, na mais sólida interpretação de sua carreira) parece saber segredos que podem alterar o destino do Vaticano. Ao avaliar o perigo que o espreita, Thomas diz: “Certeza é o inimigo da unidade. Certeza é o inimigo da tolerância”.

“Fiennes é um ator que, na quietude, permite que a gente mergulhe em sua alma”, disse Berger ao Correio. “Querida que o filme fosse ancorado nos dilemas do personagem dele e lavasse o público a sentir o embrulho em seu estômago”.

“Conclave” foi rodado ao custo de US\$ 20 milhões e já arrecadou cerca de US\$ 70 milhões. Na versão brasileira, Marcio Simões dubla Fiennes.

A mentira que deu certo

Angelina Jolie diz ter mentido para conseguir o papel de protagonista no filme 'Maria Callas'

Assim que leu o roteiro do filme "Maria Callas" (2024), Angelina Jolie desejou interpretar a cantora lírica greco-americana na produção do diretor chileno Pablo Larraín. A atriz revelou que a vontade de conseguir o papel era tanta que mentiu para o cineasta durante uma entrevista. "Disse que cantava, mas nunca havia cantado antes."

Jolie ainda confidenciou que sempre evitou cantar em qualquer produção. "Uma vez, alguém me disse que eu não sabia cantar ou reclamou quando cantei, e isso mexeu

comigo. Nunca havia contado para ninguém, mas [cantar] era uma parte bloqueada da minha vida", explicou a atriz à revista Variety.

Ela lembrou que, ao ser convidada por Larraín, decidiu mentir. "Ele me perguntou se eu sabia cantar, e eu menti. Falei que ninguém podia cantar como Maria. Ninguém. Mas eu daria o meu melhor."

A escolha de Angelina Jolie para interpretar Maria Callas gerou grande expectativa entre os fãs de cinema e ópera. A atriz, conhecida por sua versatilidade e intensidade, demonstrou um pro-



Angelina Jolie submeteu-se a uma exaustiva preparação vocal para viver Maria Callas na telona

fundo compromisso com o papel, realizando um trabalho vocal extenuante para se aproximar da voz inconfundível da soprano acalmada mundialmente.

"Maria" nos apresenta uma visão íntima da vida de Callas, explorando seus momentos de glória, suas paixões, suas perdas e a solidão que a acompanhou em seus últimos anos. O filme retrata a luta da cantora lírica para manter sua carreira após a perda de sua voz e a complexidade de sua relação com o público e com a mídia.

A mentira de Jolie deu certo. A

atriz está entre as possíveis candidatas ao Oscar 2025 de Melhor Atriz. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas adiou, pela segunda vez, o anúncio das indicações ao prêmio devido aos incêndios florestais em Los Angeles, nos Estados Unidos. De acordo com um novo comunicado da entidade na segunda-feira (13), a lista será divulgada no dia 23 de janeiro.

Rival de 'Ainda Estou Aqui' quer conquistar os brasileiros

Diretor e atriz de 'Emilia Pérez' vêm ao Brasil divulgar o possível indicado ao Oscar

O diretor de "Emilia Pérez", o francês Jacques Audiard, e a atriz principal da produção, a espanhola Karla Sofia Gascón, virão ao Brasil para divulgar o filme que pode estar

entre os indicados ao Oscar de 2025. A informação é da Paris Filmes, distribuidora do longa no país.

A dupla estará em São Paulo entre os dias 20 e 22 para participar



Karla Sofia Gascón e Jacques Audiard no encerramento do Festival de Cannes

de uma série de eventos relacionados ao filme. Mais detalhes sobre a agenda dos dois na cidade ainda

não foram divulgados.

O longa conquistou quatro estatuetas na última premiação do Globo de Ouro, entre as quais conquistou os prêmios de melhor filme de língua não inglesa e melhor filme musical ou de comédia e

se tornou o filme mais premiado da cerimônia.

Premiado no Festival de Cannes com o prêmio do Júri, em 2024, onde estreou, "Emilia Pérez" também está na pré-lista de indicados ao Oscar em seis categorias, incluindo a de melhor filme internacional. O sucesso do longa em premiações pode levá-lo à categoria principal e torna ele o principal rival de "Ainda Estou Aqui" na premiação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

A trama acompanha Rita, personagem de Zoë Saldña, uma advogada que recebe a proposta de ajudar o líder de um cartel mexicano, Manitas, papel de Karla Sofia Gascón, a abandonar sua vida como chefe do crime e concluir um antigo sonho: se tornar uma mulher. O musical chega aos cinemas brasileiros no próximo dia 6 de fevereiro.

Christophe Clovis/Bestimage

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A malgama de música, literatura e teatro, o legado vivo de Regina Miranda para a dança - tanto em performances quanto no aparato teórico com que vem municiando bailarinos há décadas - serve como aríete para suas atuais e recorrentes investigações das veredas do audiovisual. O desejo de entender (e de expandir) a dimensão plástica (e ética) da palavra, na tela grande, levou-a a filmar “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz”.

Calçado em vivências femininas no Holocausto, o longa-metragem foi rodado pela coreógrafa em parceria com uma de suas atrizes de assinatura, a cineasta e bailarina Patricia Niedermeier, que estrela (com ardor) tal experimento. O corpo é o campo minado onde Regina vem explodindo bombas de invenção, a se destacar os espetáculos “Rua Alice 75, Quartos de Aluguel” e “A Divina Comédia”. Ela vira objeto também em sua incursão pelo cinema, em um estudo no qual os verbos “definhar” e “resistir” formam paradoxal fricção.

A saliva de Patricia - num papel plural, que sintetiza várias vidas confinadas em campos de concentração nazistas - rega lembranças de quem passou por humilhações diversas sob o jugo hitlerista, mas teve chance de escrever suas recordações como um convite a um “Basta!” histórico. Imagens de arquivo perpassam a tela e formam uma colcha de retalhos com encenações como a de um monte de tijolos a ser empilhado, num signo para trabalhos forçados. A personagem esconde as missivas que redige costurando-as em mangas ou golas de camisa, na esperança de que sejam lidas como um resgate de luta e como um alerta para que o horror não se repita.

A projeção dessa narrativa no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), na última sexta-feira, na Mostra do Filme Livre, terminou num misto de urro e ovação. De um lado, veio o engasgo diante da bestialidade da II Guerra Mundial, seguido por um soluço decorrente do risco iminente da volta do fascismo, pós-Bolsonaro. Do outro lado, o que se aplaudia era a radical abordagem de uma artesã autoral do movimento (Regina) e de sua aprendiz (hoje coautora, Patricia) para a sororidade.

Tem coisa boa à beça na seleção da Mostra do Filme Livre (170 títulos), em cartaz até o dia 27 no CCBB, e “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz” há de ficar



Patricia Niedermeier estrela e divide com Regina Miranda a direção de ‘Escritas De Resistência Mulheres em Auschwitz’

No balé da sobrevivência

Ícone da pesquisa coreográfica na dança brasileira, Regina Miranda se firma como cineasta, num estudo sobre as sobreviventes de Auschwitz

na posteridade (e na saudade) como um de seus faróis, à espera de projeções noutras latitudes. Seu impacto vem de um flerte que Regina estabelece há tempos com as estéticas cinematográficas. Responsável pela coreografia de “Ópera do Malandro” (1986), de Ruy Guerra, ela dirigiu curtas antes, entre eles: “Vislumbres”, “Arranjos Afetivos”, “Water Clock” e “Reclusa”. Foram filmados em paralelo ao trabalho com exercícios performáticos e a escrita de livros como “Corpo-Espaço:

Aspectos de uma Geofilosofia do Corpo em Movimento”.

“O amor pela palavra e pelo gesto me fizeram, ao longo do tempo, ganhar um território bem amplo de possibilidades de deslocamentos. Um território de maior ênfase no gesto ou na palavra, pontuado de momentos nos quais se encontram. Nesse sentido, a minha relação não é muito diferente entre o palco e a tela. Onde há mais diferença é quando eu trabalho com instalações”, explica Regina,

que também é dramaturga, e escreveu peças como “Manuscritos de Leonardo”, encenada por ela em 2013.

Diretora do recente “Ensaio Sobre Yves” (2024), Patricia Niedermeier destaca a natureza transgressora de sua correalizadora: “Regina Miranda é uma grande artista, corajosa e livre. Uma artista de imensa sensibilidade, cultura e inteligência. Cultiva o ofício da arte como desejo de vida, onde todos os dias, de alguma forma, a criação tem espaço fundamental. É uma mulher brilhante sempre inspirando e movendo corpos, almas e corações”.

Na entrevista a seguir, Regina explica como ela e Patricia fizeram de “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz” um estudo sobre estratégias faladas (e doídas) de sobrevivência.

ENTREVISTA / REGINA MIRANDA, CINEASTA

'Esperança através da busca pela sororidade'

Luis Cancel/Divulgação



A pesar de reviver um dos períodos mais sombrios da História, “Escritas De Resistência: Mulheres em Auschwitz” caminha por uma geografia de delicadezas, numa montagem que exaspera. Regina conta na conversa adiante como ela e Patricia pensaram cada sequência.

Em que ponto a sua relação com a dança faz fricção com a palavra, não só no filme sobre as mulheres de Auschwitz, como na sua imersão nos palcos?

Regina Miranda: Inicialmente, eu me lembro que o uso do movimento sem palavras satisfazia um desejo de não impor um ponto de vista sobre quem quer que assistisse alguma performance. A sugestão aberta às diferentes interpretações me parecia uma das forças da dança. No entanto, desde o meu primeiro trabalho, “Heliogábal”, baseado em um texto de Artaud, a palavra já dialogava com o movimento. Com a minha intimidade crescente com a escrita, palavra e movimento realmente foram se amalgamando, embora às vezes exista uma escolha voluntária pelo silêncio, ou pela palavra inaudível. No filme sobre as Mulheres de Auschwitz, que parte da palavra escrita, era necessário compartilhar essa fala dos sentimentos, essa fala dos terrores do cotidiano e, na verdade, eu usei de muita contenção no movimento. É ele que fica nesse lugar quase invisível, a não ser em umas três cenas, que são mais conduzidas pelo movimento (como a cena inicial de passos cuidadosos ao adentrar a memória) e do gesto, também cuidadoso, de cortar os fios.

O que as suas mulheres em “Escritas De Resistência”, sintetizadas na figura/persona de sua atriz e codiretora Patricia Niedermeier, traduzem sobre o verbo resistir?

Primeiro, elas resistem à despersonalização e insistem em continuar a existir - como mulheres. Resistem à aculturação, através de atos de compartilhamento, e a se tornarem “imundas”, embora tudo contribuísse para isso, mas elas mantêm - inclusive - o seu pudor. Resistem ao desespero, cultivando a esperança através da busca pela sororidade e

pelo ato de uma escrita poética e contundente. Para se manterem humanas, essa escrita delas precisava expressar seus sentimentos, suas singularidades como mulheres e a esperança de que o mundo, ao tomar conhecimento sobre as atrocidades a que eram submetidas, nunca mais as repetissem.

Onde (e quando) o cinema se amalgama com as suas pesquisas de movimento e de que forma a experiência com Ruy Guerra, nos anos 1980, em “A Ópera do Malandro”, pesou na sua relação com o audiovisual?

Na experiência com Ruy, em princípio, os nossos espaços seriam bem delimitados: ele era o diretor; eu era a coreógrafa. Mas os

espaços foram se misturando à medida que as atuações cênicas foram sendo imbuídas de maior corporalidade, o que demandou uma dramaturgia cinematográfica meio inesperada para ambos. Na época, eu me lembro que a gente se ressentia um pouco da interferência um do outro nos domínios absolutos de cada um. Durante o próprio fazer, fomos aprendendo a coabitar nesse gênero, que era novo tanto para mim quanto para ele. Depois veio a montagem. Essa foi um choque pra mim, que tinha pontos de vista muito definidos em relação às imagens coreográficas. Mas o Mair (Tavares, montador) não via o que eu via. Fiquei um dia trabalhando com ele na sala de edição ao fim do qual ele disse pro Ruy: “Melhor tirar ela daqui, porque senão esse filme

vai levar anos pra ser montado!”. Então, ali, eu aprendi que o cinema tem muitas “diretorias”. Não é apenas feito a diversas mãos, porque o teatro e a dança também são. Tampouco é apenas uma atividade colaborativa. É mais do que isso: várias pessoas têm poder de decisão sobre o que vai ser mostrado, o que pode ocasionar desvios conceituais sobre o que estava previsto em cada uma das partes. Essa divisão autoral no teatro, na dança e no teatro coreográfico (que eu professo) é bastante compartilhada entre a direção e intérpretes, mas o acordo é feito durante o período de ensaios. No cinema, tem mais gente nessas funções e algumas delas acontecem depois das filmagens. Como roteirista e diretora, eu venho aprendendo a conceituar mais claramente os meus desejos para que as pessoas de cada setor possam trabalhar com criatividade e fazer sugestões, ou mesmo decisões pertinentes. Então, há um exercício de escuta e atenção muito grandes para criar fluência e manter coesão de linguagem entre os vários aspectos que vão efetivamente compor o filme.

O que mais você prepara de projeto para os próximos meses de 2025?

Os projetos deste ano incluem um curta-metragem em parceria com Duda Gorter, protagonizado por Patricia Niedermeier e Marina Salomon, previsto para ser filmado em julho. Tenho a direção de uma série de pequenos curtas/performance, que devem se articular em uma instalação cênica. Há a criação de uma performance intimista para ser encenada em março, tendo Marina e eu em cena. Tenho a criação e direção de duas performances, que vão compor um concerto em homenagem ao compositor Joel Thome, com encenação em NYC (Nova York), prevista para o mês de novembro. Uma delas conta com cenário original de Alexander Calder. Em paralelo, sigo escrevendo um livro sobre minhas abordagens e motivações para a criação de instalações coreográficas (tenho cerca de 30!) e fui convidada para escrever um capítulo apresentando a “Sociocoreologia” (que é uma contribuição minha ao Campo Labaniano) para um livro internacional de pesquisadores da cena do Sul Global.

Toninho Geraes ganha novo round em processo contra Adele

Justiça do RJ mantém proibição de execução de música 'Million Years Ago' e estabelece multa em caso de descumprimento da decisão

O Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) manteve a proibição da utilização, reprodução, edição, distribuição e comercialização da música "Million Years Ago", da cantora britânica Adele, sem a autorização do cantor e compositor Toninho Geraes. O artista brasileiro abriu um processo de direitos autorais contra Adele, o produtor Greg Kurstin, a gravadora XL Recordings e a distribuidora Universal Music por suposto



Divulgação

Toninho Geraes pede R\$ milhão de indenização no processo de direitos autorais envolvendo a canção 'Mulheres'

plágio da canção "Mulheres", sucesso na voz de Martinho da Vila.

O cantor e compositor pede uma indenização de R\$ 1 milhão com juros e correção monetária - um valor que ainda é incalculável,

por depender de dados sigilosos de vendas e audiência, aos quais a defesa só terá acesso mediante um mandado judicial.

Na semana passada, a defesa de Adele e da gravadora Sony Music fez um pedido de cau-

ção à Justiça pedindo US\$ 1 milhão para cobrir os prejuízos que podem ser causados pela decisão liminar que pede a retirada de "Million Years Ago" das plataformas digitais. A liminar, emitida no dia 15 de dezembro, proíbe a Sony de reproduzir ou comercializar a faixa.

O TJ-RJ manteve válida uma decisão de dezembro de 2024, que determinou a retirada de "Million Years Ago" das plataformas digitais. Além de suspender a música, o juiz fixou uma multa de R\$ 50 mil por ato de descumprimento.

No início de janeiro, os advogados de Toninho abriram uma queixa-crime por falsidade ideológica e documental contra Adele, Kurstin e as gravadoras. Segundo a eles, a procuração apresentada pelos advogados dos réus continha "irregularidades" - como "rasuras e entrelinhas inseridas à mão". A Polícia Civil abriu inquérito para investigar uma possível falsificação da assinatura de Adele nas procurações.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Pela identidade

Os versos de Filipe Ret ao introduzir a faixa "Acima de Mim Só Deus" ganham vida em um clipe cinematográfico lançado nesta terça-feira (14) no canal oficial do artista no YouTube. A faixa integra o álbum "Nume", um marco na carreira de Ret que já ultrapassou 115 milhões de plays nas plataformas de streaming e conquistou o Disco de Ouro. "Num momento do mundo em que as pessoas esquecem da própria essência se comparando com outras e trocam sua identidade mais valiosa por padrões medíocres", afirma Filipe Ret.

Som Livre/Divulgação



Divulgação

Presença dolorida

Bressan dá o start em 2025 a fim de superar antigas histórias de amor. "Saudade Principal" está nos apps de música. O single foi escrito pelo artista em parceria com Leo Rocatto e narra o fim de um relacionamento onde ambos nutrem o sentimento amargo de não estarem mais juntos. Afinal, a vida segue seu curso e ainda que estejam distantes, a falta pode se tornar uma "presença dolorida". "Escrevi 'Saudade Principal' em um momento de raiva, após terminar um relacionamento", conta o artista, uma das principais revelações da nova geração do pagode.



Divulgação

Clipe performático

O cantor Yohan apresenta o single "Dominatrixxx", uma faixa que reforça sua habilidade de transitar por temas marcantes e complexos. O single que chega às plataformas nesta quinta-feira (16) traz a colaboração da DJ paraense Clementaum. "Com o YOHAN em 'Dominatrixxx' além do beat que eu consegui fazer um club-latin/electro-por, também consegui trazer o meu lado performático na nossa interação no audiovisual, que é algo que eu amo muito como artista", afirma Clementaum, Indicada em 2023 ao WME na categoria Produtora Musical.

Quando a arte dá de cara com a vida real

Espetáculo 'Nefelibato' realiza uma sessão especial para moradores de rua nesta quarta-feira

Lenise Pinheiro/Divulgação

Sucesso há quase nove anos nos palcos do país, o drama "Nefelibato" terá uma sessão especial para moradores de rua nesta quarta-feira (15), às 15h30, no Teatro Glauce Rocha, no Centro. O evento é organizado pela Secretaria Municipal de Assistência Social e pela equipe do espetáculo. A reestrea da peça para o público será nessa mesma data, às 19h.

Escrito por Regiana Antonini, dirigido por Fernando Philbert e com supervisão artística de Amir Haddad, o monólogo com o ator Luiz Machado completará 500 apresentações este ano, com uma trama que fala sobre situações limite e os limites entre lucidez e loucura.

"Nas sessões que fiz para os moradores de rua nas temporadas anteriores, tive o privilégio de presenciar encontros muito emocionantes, únicos e interessantes. Percebi que eles se entregavam de uma forma muito intensa durante as apresentações. Nos debates, após o espetáculo, eles se abriam e contavam suas próprias histórias de vida. Isso é uma satisfação pessoal que não tem preço, pois pra mim o teatro tem esta força, que é a de acolher e motivar emocionalmente pessoas que são excluídas por nossa sociedade", comenta Luiz Machado.

Na trama, o personagem Anderson perambula pelas ruas da cidade, sendo apenas uma sombra de um homem outrora bem-sucedido, mas que perdeu tudo: sua empresa, todas as suas economias, o grande amor da sua vida e um parente querido. Ele está na fronteira com o delírio, mas ainda capaz de lampejos de sabedoria.



Em 'Nefelibato', o ator Luiz Machado dá vida a um empresário que perdeu a empresa, amigos e até mesmo a família após o episódio do confisco das cadernetas de poupança ocorrido nos anos 1990

“Conhecendo diversos moradores de rua, percebi que cada um tem o seu motivo de estar ali, vi de tudo. É essencial que haja políticas públicas que deem mais atenção a estas vozes tão carentes que clamam por algum tipo de ajuda.

Luiz Machado

A história é ambientada na década de 1990, mas dialoga muito com o Brasil de hoje. Em cena, os efeitos devastadores do Plano

Collor, que levaram Anderson a se tornar morador de rua. O país voltava a ter um governo eleito democraticamente e a inflação galopante

exigia medidas drásticas. A saída da nova equipe econômica foi confiscar parte da caderneta de poupança da população, o que levou milhares de brasileiros ao desespero e à bancarrota. Muitos enlouqueceram.

“Conhecendo diversos moradores de rua, percebi que cada um tem o seu motivo de estar ali, vi de tudo. É essencial que haja políticas públicas que deem mais atenção a estas vozes tão carentes que clamam por algum tipo de ajuda. Analiso este quadro como uma questão muito preocupante para o nosso país. Na rua temos pessoas que pre-

cisam de oportunidades e outras que necessitam de cuidados médicos. E o mundo virtual hoje vem cada vez mais desumanizando a nossa sociedade”, acrescenta o ator.

O quanto de loucura é necessário para o ser humano não perder a própria vida? Essa pergunta acompanhou o diretor Fernando Philbert ao longo do processo da montagem. “Quis tratar do instinto de sobrevivência que o ser humano tem e esquece que tem. Viver na rua é o caminho que ele encontrou para continuar vivo”, destaca o diretor.



Os artistas criaram obras em diálogo com peças do acervo do museu

Olhar plural sobre o Rio

Museu Histórico da Cidade recebe exposição que apresenta o trabalho de 10 artistas contemporâneos que dialogam com o acervo da instituição



Repensar e refletir o Rio de Janeiro pelo olhar plural de diversos artistas é a principal proposta da exposição “Rio de Corpo e Alma”, que abre suas portas no casarão de exposições temporárias do Museu Histórico da Cidade, na Gávea, no próximo domingo (19), véspera do Dia de São Sebastião, o padroeiro da cidade. Sob a curadoria de Isabel Portella, os artistas foram convidados a apresentar uma obra inspirada a partir de um seletor acervo da reserva técnica do museu, trazendo um diálogo entre o passado e o presente da cidade sob diferentes linguagens.

O projeto foi criado com o objetivo de enaltecer as belezas, a cultura e o estilo de vida carioca em meio às comemorações dos 460 anos de fundação da cidade, a serem comemorados em 1º de março.

“Tivemos essa oportunidade maravilhosa de realizar um projeto que resgata um Rio poético e celebrativo de uma forma alegre, sem ser nostálgico”, comenta a produtora executiva do projeto, Fabiana Gabriel.

Ao todo, a exposição reúne o trabalho de dez artistas contemporâneos, diversos e multidisciplinares, que foram instigados a repensar o traçado, a beleza, natural ou construída do Rio para apresentar um novo/outro olhar contemporâneo para a cidade. “Nem todos são cariocas. Alguns vêm de outros estados, mas adotaram o Rio como casa”, acrescenta Bel Tinoco, coordenadora geral do evento.

O ponto de partida foi o acervo do próprio Museu Histórico da Cidade, que representa um importante registro do desenvolvimento urbanístico, político e social do Rio de Janeiro. Com cerca de 24 mil bens culturais, a coleção conta com mobiliário, numismática, armaria, escultura, pintura, joalheria, gravura, fotografia, porcelana, cristais, mapas e projetos paisagísticos e arquitetônicos, entre outros itens, pertencentes aos antigos prefeitos da cidade.

Cada artista escolheu uma ou mais peças da reserva técnica para criar uma obra em diálogo com a original. O resultado são esculturas, fotografias, pinturas, instalações e performances, que trazem uma reflexão coletiva

sobre a história da cidade, sua configuração de metrópole contemporânea e as transformações pelas quais vem passando ao longo desses anos.

Entre os trabalhos, destacam-se o da artista Andrea Hygino, carioca do Méier, que costuma trabalhar sobre a questão da carência alimentar. A artista criou pinturas em louças em contraponto a peças do museu que fazem referências a banquetes, propondo uma reflexão do sentar-se à mesa e da fartura como uma crítica social.

Moradora do Rio há muitos anos, envolvida com o carnaval carioca, a paraense Rafa Bqueer criou para a exposição uma obra instalativa com referências amazônicas, a partir de um figurino de uma turma de Bate-bolas do acervo do museu. O carnaval dos Clóvis ou Bate-bolas (grupos tradicionais de foliões do subúrbio carioca) também serviu de inspiração para o fotógrafo Andre Arruda, que traz ampliações de fotos ainda inéditas de sua premiada série sobre os Bate-bolas em contraponto a registros fotográficos do carnaval do Rio antigo.

Conhecida por suas expressivas pinturas que sublinham a complexidade do contexto social e da paisagem do subúrbio carioca onde mora, a artista Márcia Falcão também mergulhou em referências do carnaval carioca para apresentar a pintura intitulada “Feira de Madureira”, trazendo um retrato festivo do famoso bairro da Zona Norte, um reduto tradicional do samba. Nascida na Guatemala, a artista plástica Julie Brasil, criou grafites inspirados em fotografias do acervo de sete maravilhas do Rio.

A exposição conta ainda com performances, um ciclo de debates com a curadora, convidados e os artistas envolvidos, além de visitas guiadas para estudantes da Rede Pública de Ensino do Rio de Janeiro.

SERVIÇO

RIO DE CORPO E ALMA

Museu Histórico da Cidade (Parque da Cidade - Estrada Santa Marinha s/nº - Gávea) | De 19/1 a 9/3, de terça a domingo (9h às 16h) | Entrada Franca